

3ª COLETÂNEA DE NOVOS
ESCRITORES

REFLEXOS

Poesias e Contos Inéditos
Selecionados por Jocenir Ribeiro

M. D'ARCABOUÇOS
ROSILENE MORENO
MARCOANTONIO PIMENTEL
CREUSA DE CARVALHO
TICIANA AZEVEDO
LIA VIEIRA
ANTONIO AURELIO DUARTE
BERNADETE ÂNGELO
ROBERTO RODRIGUEZ SUAREZ
ARMANDO S. PEREIRA
CARMEN GAGO ALVAREZ
JOSÉ MANUEL DA SILVA
GUILHERME GUIMARÃES

COPY & ARTE

Copyright © 1990 by Jocenir Ribeiro

Direitos autorais reservados de M. D'Arcabouços,
Rosilene Moreno, Marco Antonio Pimentel, Creusa de Carvalho,
Ticiane Pereira Azevedo, Eliane Vieira, Antonio Aurelio Duarte,
Bernadete Ângelo de Almeida, Roberto Rodriguez Suarez,
Armando dos Santos Pereira, Carmem Gago Alvarez,
José Manuel da Silva e Guilherme de Andrade Guimarães.

FICHA CATALOGRÁFICA

Reflexos/organização de Jocenir Ribeiro - Rio de Janeiro
1ª edição COPY & ARTE, 1990

1. Poesias e contos brasileiros - Coletânea

I. Ribeiro, Jocenir

Layout da capa: Jocenir Ribeiro

Diagramação, Arte-final, Edição e Produção Gráfica: Jocenir Ribeiro

Composição a laser: T&M Desenho Industrial e Artes Gráficas Ltda.

Fotolitos e Impressão: COPY & ARTE - Tel.: 262-8431

Direitos desta edição reservados pela
COPY & ARTE Serviços de Reprodução Ltda.
Av. Franklin Roosevelt, 126 - Sobreloja 202 - Centro
CEP 20021 - Rio de Janeiro - RJ - Tel. 262-8431

JOSÉ MANUEL DA SILVA

*um simples manuel, com o josé à sua frente
da silva apelidado, o verso é frio e quente
alentos, trinta e poucos, bons momentos, gritos roucos,
as máquinas, futuro — já faz tempo abandonou
a corrente a contra-nado — na poesia mergulhou
dessa vida um escrevente, do livro inédito tirando
a resenha aqui presente, mais um artista se criando
vira-e-mexe em despautério, muito verso tem escrito
à espera de um mecenas, um marchand para o não-dito
o faz-de-conta, a esperança de um vislumbre de sucesso
que é efêmero, se sabe, mas que do ego é o anverso
enfim, do azul de um mar de prata
o ipso facto da poesia
de rima em prosa a vida é grata
o yeah mais forte na eclesia.*

CAFÉ DA MANHÃ

A toalha balança pendurada
por causa do ventilador indecente
que sopra
e por isso o calor deste lugar.

A parede suja e perfurada
por causa de paixões tão passageiras
que rondam
e por isso a incerteza de sonhar.

As colchas reviradas e sem forma
por causa de um sonho remexido
que morreu
e por isso a calma no falar.

Os rabiscos distraídos que aparecem
por causa de matreiros pensamentos
que irrequietam
e por isso a esperança de acordar.

O leite esfaimado em fumaça
por causa da carne insatisfeita
que se assenta
e por isso o rebuliço no olhar.

A conversa tão fiada em frases-feitas
por causa da revista que não chega
que irrita
e por isso o abandono ao pensar.

Os sorrisos enterrados no açúcar
por causa da nojeira das baratas
que se alastram
e por isso a cadência no andar.

Seis dinheiros gastos com a vida
por causa de uma reza improdutiva
que sumiu
e por isso a procura sem cessar.

DA VIDA I

E por isto sempre haverá o pavor
pavor da morte, quando banal
pavor da vida, quando loucura;
enquanto houver samba
enquanto houver políticos
enquanto houver Tarzan
enquanto houver donzela
enquanto houver controle;
é o caos, sabe?

— o caos lembra cacos, que lembra vidro, que lembra corte, que lembra hospital, que lembra álcool, que lembra o pai, que lembra o ódio, que lembra o amor, que lembra o sexo, que lembra o filho, que lembra o ursinho, que lembra árvore, que lembra a maçã, que lembra canaã, que lembra a história, que lembra a verdade, que lembra a mentira, que lembra o desgosto, que lembra a mãe, que lembra a saudade, que lembra o mar, que lembra a comida, que lembra a merda, que lembra o cheiro, que lembra o nariz, que lembra o rosto, que lembra gosto, que lembra a língua, que lembra o boi, que lembra o açougue, que lembra o azougue, que lembra o sofrimento, que lembra a guerra, que lembra a destruição, que lembra —

É tudo uma grande trepadeira,
subindo pelos muros de nossas vidas;
não há que cortá-la,
não há que negá-la.
Benze-te que és santo
e lembra do conselho do sábio anjo sujo da rua
deserta
“É isso aí!”
O que de mais completo
O que de mais objetivo
Se não suportar sem mágoas
a dor de pensar?

POEMAS EM BRANCO

A dúvida que paira
no ar pesado do alvorecer
poemas em branco
versos loucos e esquecidos
pela mente desaparecem
oprimidos, reprovados, revoltados
com a rapidez da vida
o olhar fixado por segundos apenas
o falar re-aprisionado
sem que tenha sido ouvido
enquanto sons angustiados
de uma briga de palavras
de gente que se destrói
provocantes mulheres louras
e a língua sedenta que busca
nos copos de um bar
o alívio de um dia de sol
e as palavras que nem são ditas
e as que o são tão levemente
que são levadas pela brisa
que sopra do mar.
Tudo são imagens
que passam a correr
por breves instantes de luzes
que brilham e se apagam.
Pisca a memória
imagens de tempos remotos
e também de coisas recentes
corpos que passam
bocas que se abrem em sorrisos
lábios contraindo-se de ódio e de dor
olhos acesos que ferem o ar
mãos que seguram objetos irreais
ares supostos propostos ao nada
e mais
muito mais
vêm e vão
mas minha mão
permanece a mesma

com veias salientes
e o sorriso de meus lábios
não vem já há tempos
e volta a brisa do mar
a maresia
e veículos barulhentos
que passam correndo
luzes vermelhas que piscam
ferem os olhos
e quem olha fica triste
com os casais que se abraçam
o homem não sabe aonde vai
e a outra brinca contente.
Fecham-se os olhos, então,
e sobrevém a negrura
o desespero do choro
não conforta mais como antigamente
soluços machucam o ser
na cama rangendo
o coração no extremo
do profundo pesar
e o ar é mais denso, mais tenso
colorido de negro, mais negro
mas os olhos não se abrem
e a imaginação continua
se recusa a voltar
vão-se as imagens
enquanto outras sobrepõem-se
transparentes
de onde virá tudo isso
que mistério envolve toda essa cultura
que fontes obscuras geraram a miríade
de sons, cores, imagens de relance?
O Deus amarelo, verde
respondendo às perguntas
das gentes esquecidas
no frio da noite
no calor de tais braços
e ainda é a dúvida que paira
leve, mais leve
e um cansaço gostoso

muda de tom a tristeza
e adormece comigo
tornando-me insensível
uma vez mais
até que tudo esteja dia
outra vez.
Ou até que tudo seja noite,
nunca mais.

TU

És o pincel com que traço
No espaço o meu sonho florido
És um detalhe do vento
Que lento me beija o calor
Se todo dia me acordo
E te recordo como um sonho perdido
De noite me enrosco pequeno
E obsceno me embriago de amor.

A TUA AUSÊNCIA

Sou um mero teorizador da vida
Um transgressor do pensamento
Valete de um baralho apócrifo
Fixador idólatra de um momento.

Pois poesia é ser ninguém
Enquanto ser não é verdade
Há que ter o ser em si
Fazer do todo uma metade.

Sou feliz na infelicidade
A do amor incoerência
De saber o que é saudade
De temer a tua ausência.

DEPOIS DO JANTAR

O ar está pesado
Tem estado
No mundo lá fora há fome
Não se come
No mundo cá dentro há cansaço
Sem mais espaço
Há um medo grande
Uma coisa de susto
Como se fosse acontecer
Não chorar nunca mais
O ar continua fugindo
Como findo
Na boca o gosto de sangue
Na mão o poeta do manguê.

DEZESSETE DE AGOSTO

O verso agora ficou mudo
foi-se a estrofe que era tudo.
É,
José,
aí está a tua resposta
não há muito o que dizer
neste agosto já sombrio
foi-se do mundo a inspiração
com a tua expiração
não há muito o que fazer
pois a chuva já secou.
Que alguém bom te ampare e guarde
ao teu gosto sem alarde
e vai, poeta, ser eterno
deixa o mundo, esse doente
se ocupar em ser moderno.

POESIA INACABADA

Poesias e mais poesias
Poesias daqui e de lá
Poesias que falam de mim.
Poesias de um sonho sem fim

POESIA INACABADA I

Poesias demais poesias
Poesias poesias e poesias
Poesias que são só poesias
Poesias que nem são poesias

POESIA INACABADA II

Poesias que em tempo vão
Poesias que ao amor se dão
Poesias a matraquear
Poesias que vão torturar

POESIA INACABADA III

Poesias e mais poesias
Poesias de tirar o ar
Poesias de preenchimento
Poesias são o pensamento

POESIA INACABADA IV

Poesias por demais poesias
Poesias que do ser se evadem
Poesias que não têm poesia
Poesias – que jamais se acabem.